

A R E G E N E R A Ç Ã O

Ano XXV

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

N.º 739

Propriedade de: Rev.º Padre António Inglês e dr. Alberto Teixeira Forte
Composto e impresso na Tipografia FigueiroenseDirector Padre António Inglês
Editor Dr. Alberto Teixeira ForteRedacção e Administração — Bairro Teófilo Braga
Figueiró dos Vinhos

VINDIMAS

Estamos no coração do Ribatejo e em plena época das vindimas. E' enorme a azáfama por todos os lados, pois o vinho é o forte desta região. Por isso o Ribatejo regista nesta época o maior movimento e oferece-nos quadros magníficos de pitoresco.

E' madrugada; o sol ainda não despontou no horizonte. No «quartel» — amplo barracão que serve de dormitório aos ranchos de mulheres que das Beiras se deslocam para as vindimas — começam os preparativos para um dia de trabalho. Uma leve refeição e elas aí vão a caminho da vinha, precedidas do capataz, que lhes indica o serviço e vela por que este seja feito com método e perfeição. E os cachos doirados pelo sol vão sendo apanhados um a um para dentro de grandes cestos de vime negro, os «poceiros», que depois as mulheres transportam à cabeça até ás dornas que, em cima das carroças, dos carros de bois ou das camionetes, aguardam junto à estrada para as levar ao lagar.

E durante todo o dia, debaixo de um sol escaldante deste verão excepcionalmente quente, os ranchos de mulheres, com as suas blusas garridas e o seu grande chapéu de palha, cantando sempre numa toada melancólica as suas cantigas regionais, vão apanhando os maduros cachos que depois irão transformar-se nos preciosos e aromáticos vinhos da região ribatejana.

Os extensos campos de frondosas vinhas, cepas velhas e fortes de pujante ramagem, que encobrem por completo quem lhe anda dentro, ficam agora mais tristes com a falta do apetitoso fruto, e as folhas, já murchas, começam a amarelecer e a cair.

Por todas as estradas e caminhos é enorme agora o movimento com o ininterrupto vão-ven dos carros que transportam as uvas. E nos lagares recebem-se com júbilo as dornas cheias, que logo vão sendo despejadas para os esmagadores e grandes tanques de cimento, ou lagares, onde o vinho é fermentado e depois metido nos tonéis. Lá estão para esse serviço os experimentados adegueiros da região, descalços, calças arregaçadas, pisando o mosto que ferve, trasfegando vinho, lavando cascos, num movimento febril e contínuo que se prolonga por todo o dia e deita pela noite fora. Vai descendo o sol; terminou no campo mais um dia de trabalho intenso mas cheio de pitoresco e alegria. E' que o vinho é uma das maiores riquezas da região, o sangue desta terra forte e fecunda. E também das culturas agrícolas que mais trabalho dão à população local e aos inúmeros «ranchos» que durante o

ano se deslocam para aqui, de vários pontos País, principalmente das Beiras. Os trabalhos da cava, poda, raspa, cura, etc., dão trabalho todo o ano a numerosos grupos de trabalhadores. A esses trabalhadores se dão na região nomes curiosos. Assim, aos que vêm da região da Foz e Cantanhede chamam aqui «Caramelos»; aos de Aveiro «Gaibeus»; e «Barrões» aos que se deslocam dos nossos vizinhos concelhos de Pedregão Grande e Castanheira de Pera e outros limitrofes.

Outra nota curiosa das velhas tradições que esta castiça e típica província ainda conserva: Mandam um velho costume que os lavradores, depois de feita a vindima, permitam a elas o acesso de quem quiser ir procurar algum cacho esquecido. A esse trabalho se dá o nome «Rabisco». E veem-se, então, numerosos grupos de pessoas, na sua maioria constituídos por mulheres e crianças, «rabiscando» algum cachito perdido aqui e além. E não se julgue que o trabalho é infrutífero pois toda aquela gente, apesar do cuidado que houve em que a vindima fosse bem feita, chega à noite com dezenas de quilos de boas uvas que depois vai vender aos próprios lavradores...

Valada, Setembro 1949.

Mário Alves

Arcipreste P.e Inglês

Em serviço de pregação deslocou-se na passada semana à freguesia de Abruñeira, proximidades de Figueira da Foz, o nosso muito querido Director e muito distinto orador sagrado Reverendo Padre Inglês.

Reverendo P.e Cipriano Domingos Rosa

Para descansar durante alguns dias seguiu no passado dia 12 para Curia o nosso estimado amigo sr. P.º Cipriano Domingos Rosa.

Reverendo P.e Nascimento

Durante a última quinzena de Agosto, esteve na Figueira da Foz onde fez cura de águas, o nosso prezado amigo Reverendo José Henriques do Nascimento, estimado pároco da freguesia de Castanheira de Pera.

Engenheiro Paquete Nunes

A passar alguns dias junto de sua Ex.ª Família, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. Engenheiro Eduardo Paquete Nunes.

João Dias Graça

Tendo, ultimamente, prestado provas no concurso para Secretário de Finanças, foi aprovado com elevada classificação, o nosso muito querido amigo, sr. João Dias Graça.

Não foi surpresa para nós o óptimo resultado que obteve naquele concurso, este muito distinto funcionário da Secção de Finanças de Figueiró dos Vinhos, e filho muito ilustre desta Terra.

Tal resultado foi simplesmente o prémio justo a testemunhar as raras qualidades, que há muito lhe conhecemos de metódico trabalho, de inteligência, de vasto saber e de admirável aprumo moral e íntegro carácter, a que prestamos as mais vividas homenagens.

Felicitemo-lo muito sinceramente, ao mesmo tempo que exprimimos a nossa mágoa por termos de o ver partir dentro em breve de seio da nossa convivência muito amiga.

Com a sua saída de Figueiró, por motivo deste acesso na sua carreira brilhante de funcionário, a sua Terra natal e os seus amigos vão sentir a saudade do homem que á custa somente do seu trabalho, da sua vontade firme, das suas qualidades intelectuais, do seu valor, em suma, conseguiu em pouco tempo ascender a uma elevada posição dentro do quadro do funcionalismo público.

João Dias Graça é, na verdade, um muito valioso e activo elemento da nossa terra, que vai partir, mas, estamos certos de que, espiritualmente, continuará ligado a ela e a nós — os seus amigos.

Dr. Amílcar Agria

De visita a sua ex.ª Família encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo dr. Amílcar Agria e sua Ex.ª Esposa.

Sebastião Trancoso

Para passar alguns dias de merecido repouso e cura de águas, seguiu para as termas de Unhais da Serra, na passada semana o nosso querido amigo Sebastião da Costa Trancoso muito digno gerente da Agência da C. G. de Depósitos desta vila.

Manuel Nunes Agria

Em casa de seus pais a passar alguns dias com sua Ex.ª Esposa e filhinhos esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Agria.

Lar em Festa

No passado dia 3 do corrente, na cidade de Coimbra, deu à luz duas robustas crianças do sexo masculino a ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Figueiredo Cánova Leão Miranda dedicada esposa do nosso prezado assinante sr. dr. Jorge Manuel Leão Miranda, distinto médico do Hospital Rovisco Pais. Muito sinceramente felicitamos os pais e desejamos aos bebés uma vida bem repleta de felicidade.

VIAGEM

do Orfeão Académico às Colónias

Como um dos elementos do Orfeão Académico de Coimbra, partiu em viagem às nossas colónias no passado mês de Agosto o nosso prezado amigo e distinto aluno da Faculdade de Medicina de Coimbra, dr. Jorge Ferreira. Este nosso amigo quis ter a amabilidade, que muito lhe agradecemos, de nos enviar da ilha de Porto Santo uma valorosa reportagem que a todos os títulos honra este jornal e que é do teor seguinte:

A' vista do Porto Santo a bordo do João Belo, dia 28 de Agosto pelas 10,30 horas da manhã.

—Começamos a divisar por entre as nuvens esfumadas da manhã azul, na direcção da proa duas manchas escuras que se fixavam e iam crescendo aos nossos olhos.

E' indiscreto a sensação da terra à vista. E' um reboliço ansioso de ver coisas novas. Piadas de todos os lados, projectos de viagens a nado do barco a terra e vice-versa (só em projecto, é claro...) etc.

A ilha já se vê bem e todos nos admiramos de aquilo que ali se vê, rodeado de ilhotas pequenitas, com um rendilhado de sonho, seja bastante maior que os pontinhos que... estavam habituados a ver no Mapa de Geografia.

Da facto nunca supusemos que o Porto Santo uma ilha que também é Portugal, em que habitam portugueses, tão portugueses como nós, fosse assim tão grande e bonita.

Em dois ou três montes avistam-

-se já algumas árvores a coroar a terra amarelada que o sol da manhã decompõe num claro escuro maravilhoso.

Passamos a parte montanhosa da ilha e agora temos à vista as terras baixas e arenosas onde a vegetação é mais verdejante. Percebem-se alguns tons de verde mais claro e rasteiro que segundo alguns, cheiram a Vinho da Madeira... E' provável que de facto sejam os tais célebres vinhos do Porto Santo.

E o rendilhado magnífico das ilhotas continua a desfilhar ocultando aqui e ali as povoações da ilha maior. Agora passamos uma praia extensa duma areia muito branca que tem ao fundo a enquadra-la o casario branco da civilização Povoação de Porto Santo. Numa das ilhotas alveja um farol de recorte simpático.

Dentro em pouco avistaremos a Madeira; tudo se debruça nas amuradas ansiosas para serem os primeiros a enxergar a Pérola do Oceano.

Depois de porfiados esforços de várias direcções trabalhadoras, o Governo compreendendo a alta missão na nossa viagem às colónias, deu forma a uma velha ambição do Orfeão Académico. De facto, como já ouvimos num dos muitos discursos que se proferiram em nossa honra, nós os rapazes de hoje, que nos preparamos para ser homens num futuro próximo, donde talvez sairão algumas das mentes orientadoras da Nação, vamos ter oportunidade de ver e sentir como poucos, os sentimentos patrióticos dos nossos irmãos do Ultramar, as suas necessidades e aspirações e quem sabe se não iremos, muitos de nós, achar um recanto acolhedor que corresponda aos nossos sonhos e ambições de trabalho.

E fez-se a viagem às Colónias.

Saimos de Coimbra numa revoadada de capas que se agitam num Adeus saudoso aos últimos choupos que nos ficarão nos olhos por muito tempo.

No combóio jogou-se, cantou-se disseram-se piadas e sem se dar por ela chegamos ao Rossio. Reporteres, fotografias, atrapação com as malas, e um grupo de 120 rapazes que se espalha pela velha Praça e pelos cafés.

Depois do jantar o Rossio tomou uma feição diferente. As cantigas alegres dos grupinhos de capa ao vento vieram modificar os ecos surdos do coração da capital.

Os cafés encheram-se; apareceram canetas para matar saudades às famílias saudosas que lá por cima tenham ficado de lágrimas ao canto do olho...

(Continua na 4.ª página)

O CONCELHO DE

Atravessa uma fase de profunda e salutar transformação

—Manhã cedo levantávamo-nos para a camioneta de Pedrogam.

Enquanto calcurriávamos os escassos quilómetros que nos separam do sítio em que devíamos tomar a carreira, íamos bemdizendo a magnífica estrada que nos liga à sede do concelho—obra da Junta de Freguesia, — que se encontra em óptimo estado de conservação mercê do zelo e carinho que lhe dedica aquela entidade administrativa.

O Sol subia de manso projectando muito ao largo a sombra densa da ramaria verde-escura dos pinheiros. Uma brisa ligeira perpassava pelo espaço acarinhando-nos ao de leve nas faces afogueadas pelo calor.

A terra está ressequida e a poeira na estrada macadamizada acumula-se em camada espessa.

Os terrenos amanhados adjacentes à estrada, pelos quais circun-olhamos de relance apresentam um aspecto desolador: os batatais e os milharais amarelecera precocemente à mingua de água.

Só de longe a longe se sente o bater isócrono e monótono do trinco das «noras», a anunciar-nos que felizmente ainda não secaram de todo as nascentes.

Bendita a terra-mater que nos dá o pão! Bendita a água que dessedenta a terra e a humanidade!

Tomámos a camionete da carreira e eis-nos a camiãho de Pedrogam.

Surtem alguns casais à beira da estrada, de aspecto acolhedor, que nos extasiam a vista sedenta de imagens vivas e atraentes,—e inopinadamente começamos a descer para a Ribeira de Pera, contornando a montanha semeada de curvas apertadas provocadas por vincadas reinterâncias na encosta.

Passámos a «Ponte de Pera» e agora a camioneta começa de subir um tudo-nada mais devagar, resfolegando mais profundamente,—enquanto nós alongamos a vista pelas penedias escarpadas do abismo cavada pelas águas milenárias da Ribeira, que, por sobre um leito pedregoso, corre, agora, em minguada quantidade, quase se sumindo, por vezes, por entre os interstícios das rochas.

— Na altura da curva do «Convento» o panorama que se nos antolha, a nascente, é empolgante pelo seu ineditismo e pela sua agressividade verdadeiramente alpina!

Bastaria só aquele «quadro» que a Natureza, ali, nos apresenta no «Penedo de Granada», dum rusticidade apavorante, para justificar uma digressão a este cantinho onde não faltam quadros dum sujestiva magia, que empolgam o turista mais exigente.

A vila de Pedrogam ensimesmada na sua imobilidade pétreia, alcandora-se sobre o dorso dum dos contrafortes da Serra da Louzã que descendo do alto do Coentral vem morrer abruptamente na confluência da Ribeira de Pera com o Zêzere.

A vila é muito populosa e circundada por extensos e fartos olivais, que constituem a sua maior riqueza.

Os Paços do Concelho situados no Largo da Deveza foram ultimamente remodelados. E as suas instalações se não são modelares, são, porém, dum sobriedade aliciante, a que não é estranho um certo cunho estético: a escadaria, o átrio, a sala das Sessões, o gabinete da Presidência, e a secretaria satisfazem cabalmente o fim a que se destinam.

O nosso Am.º A. acenou-nos amistosamente e fomos tomar um «café», o qual embora contra-indicado para desopilar o fígado, nos dispôs bem.

Seja-nos permitido dizer de passagem que Pedrogam possui já dois «café», optimamente instalados e com bilhares, e um café-restaurant, que dão à Vila um aspeto citadino.

Pedrogam Grande, apesar dos atoardas imbecis de certos cretinos que só vêem os agreiros nos olhos dos outros—podemos dizê-lo afoitamente—acompanha dignamente a marcha progressiva dos outros povos.

Quem o pode negar?



Dirigimo-nos depois aos Paços do Concelho, onde cumprimentámos o nosso ex.mo amigo sr. dr. Júlio B. Rebelo, distinto Chefe de Secretaria da Câmara, que nos recebeu, com a lhanza que lhe é peculiar, no seu gabinete, onde aguardámos, durante algum tempo, a vinda do sr. dr. Farinha.

Eram cerca de 11 horas, quando o sr. dr. Farinha, digníssimo Presidente da C. Municipal deste concelho, entrou no seu gabinete, açodado pelo calor esbrazeante desse dia.

Ao ter conhecimento da nossa estada ali,—recebeu-nos logo imediatamente num avontade que predispõe bem, a quem não é estranha uma acentuada gentileza, bem própria do único e digno representante das famílias «Montarroio» e «Farinha» — de ilustre linhagem, que contam nos seus fastos genealógicos o vínculo de tres morgadios.

Amigos velhos e de sempre, conversámos, durante algum tempo, sobre diversos assuntos de interesse geral.

Em certa altura, porém, manifestámos lhe o nosso desejo de o ouvirmos sobre determinados problemas que interessam ao concelho, uns em vias de solução, e outros ainda insolúveis.

O sr. dr. Farinha que foi e é averso a reclames; gosta mais de trabalhar à maneira de Salazar, com segurança e sem alardes.

Ou não estivesse Sua Ex.º integrado na política Salazarista, logo a partir do advento do Estado Novo — quando *muitos* dos que, agora, acompanham a política da União Nacional, andavam afastados com receio do seu fracasso.

Mas nós insistimos no nosso propósito e o sr. dr. Farinha aquiesceu de boa vontade, sorrindo-nos com bonomia.

E principiamos:

—Sabemos que é já a 2.ª vez que preside— com o aprumo moral que também foi apanágio dos seus antepassados—ao nosso Município: Foi em 1935, e, agora, desde quando?

—Desde 1947 que venho de novo gerindo os serviços municipais, tendo como vogais os senhores Professor Afonso L. da Costa e José O. David,— com o mesmo carinho e desvelo que ponho na administração da minha Casa Agrícola. Não me falta boa vontade, nem a necessária persistência para atingir a verdadeira meta, e se não consigo atingi-la é porque, muitas vezes, óbices insuperáveis nos obstruem o bom caminho.

—Sim, concordo. Quantas vezes nos esforçamos por alcançar o verdadeiro desideratum e a sucessão intempertiva de diversos «factos», se opõe aos nossos intentos.

—E demais—continua o sr. Presidente—a multiplicidade de serviços que, agora, estão adstritos às Câmaras, as peias burocráticas e certas contrariedades emergentes, acrescidas ainda da vertigem de melhoramentos que obceca a maioria dos aglomerados populacionais,—prejudicam grandemente o regular funcionamento da máquina administrativa municipal.

Porém... procura-se sempre, com o auxílio dos «homens bons» da nossa terra — produzir «mais melhor».

Pedrogam Grande

Entrevista com o Sr. Dr. Farinha, digno Presidente da Câmara Municipal

—Que obras levou já a cabo a Câmara da sua presidência?

—A captação e canalização de águas para a Louriceira, a abertura e o calcetamento da Rua Direita de Vila Facaia, a construção da E. M. do Pinheiro à Graça e a captação e canalização de águas para a Vila e a sua distribuição aos domicílios — que ainda está, porém, por ultimar.

—Obras em curso?

—Captação e canalização de águas para a povoação das Várzeas, alcatroamento da rua principal da Vila, pesquisas de águas para as povoações de—Pesos Cimeiros, Escalos Fundeiros, Regados Fundeiros, Lameira Fundeira, Casal de Além, Lapa, Atalaia Fundeira, construção dum variante para a Louriceira e da E. M. do Mosteiro a Pedrogam.

—Os trabalhos são assoberbantes e nós vimos-nos em sérios embaraços financeiros para acorrer a todas as despesas.

—Que obras vão ser incluídas no «plano biennial» próximo?

— Pesquisas de águas para as povoações de—Derreadas Cimeiras, Pesos Fundeiros, Sobreiro e M6 grande.

Construção das estradas Municipais da—Derreada—Ervideira—Mega Cimeira e da Estrada M. de Vila Facaia — Mosteiro, alargamento do Cemitério da Vila, arranjo da Praça da República e ajardinamento do Largo fronteiro aos Paços do Concelho, e construção das Casas dos Pobres.

—O edifício dos correios é antiquado e mal situado, por isso pergunto: Não pensa em pedir a construção dum novo edifício, a erigir, por exemplo, na Deveza?

—Pensamos num futuro próximo, em mandar elaborar projectos para a construção dum *mata-douro*, dum *mercado municipal* e dum *edifício* para os *Correios e Telégrafos*, obras a enquadrar no plano de urbanização da Vila, cujo projecto, por motivos alheios à nossa vontade, ainda não foi possível mandar elaborar. Aguardamos para isso a melhor oportunidade.

—Tem havido uma colaboração estreita e acertada com as Juntas de Freguesia?

—Sim. Tanto a Junta de Freguesia de Vila Facaia, como a da Graça, nos têm dado a sua franca e valiosíssima colaboração, quer na realização de diversas obras e melhoramentos locais, quer muito acertadamente na resolução dos diferentes problemas, como o da assistência aos pobres, criação de Postos Médicos, fiscalização de determinados serviços administrativos, organização do cadastro dos pobres e do Recenseamento dos chefes de família para efeitos eleitorais, etc. etc.

E não posso deixar de salientar que as Juntas de Freguesia, dada a circunstância de estarem mais em contacto com as populações rurais, são as entidades, que, com mais vantagem, melhor podem ordenar serviços de interesse colectivo, coordenar os esforços dispersos, desfazer atritos que emperram, enfim insuflar o preciso dinamismo no âmbito social de sua superintendência, de maneira a conseguir-se um melhor reajustamento de forças tendentes a melhorar as condições de vida dos nossos meios rurais.

—Mas com a Câmara, além das Juntas de Freguesia, não têm colaboração algumas «Comissões de Melhoramentos locais»?

—Sim. Algumas têm sido as Comissões de M. locais do Concelho que com esta Câmara têm colaborado eficazmente.

Seja-me permitido distinguir pela sua actuação as Comissões locais da *Louriceira* presidida por António Tomás, do *Mosteiro*, por José Leitão Nunes; de *Escalos Fundeiros*, por Augusto Leitão Nunes; da *Derreada*, por Joaquim Carvalho e José Simões; de *Vila Facaia*, por Albano Nunes Marques e Joaquim Guilherme Antunes; e da *Graça*, por

O Concelho de Pedrogam Grande

António Mendes Júnior, e António Mendes dos Santos.

Mas essa colaboração só se torna eficaz, quando obedeça a princípios preestabelecidos pelas entidades oficiais, pois, como sabe, só se justificam certas pretenções, quando integradas no plano das obras das autarquias locais.

—E isso compreende-se perfeitamente.

—Pois indubitavelmente. Estava certo que se desse prioridade a certas pretensões aliás justas, de determinadas Comissões de Melhoramentos, e que aquelas que estavam incluídas no plano das obras a realizar e que eram de maior premência e actualidade fossem relegadas para segundo plano?

Estamos prontos, de harmonia com os preceitos legais, a dar apoio material a todas as obras, incluindo as que careçam de ser compartilhadas pelo Estado, mas certamente que devemos dar preferência às que estejam no âmbito das possibilidades camarárias, e mais possam concorrer para o progresso das freguesias e consequentemente para o levantamento do nível social do concelho.

Para as Comissões «intrusas», line chamo eu, que procuram fazer obstrucionismo, imiscuindo-se abusivamente a administração municipal ou paroquial ou que pela sua actuação extemporânea ou subversiva contribuam para o seu desprestígio,—para essas não podemos ter contemplações, porque, acima de tudo, está o princípio da hierarquia administrativa, sobre o qual assenta a orgânica principal do Estado Novo.

Temos necessariamente que reconhecer que as novas directrizes da acção política introduzidas por Salazar no Estatuto político do Estado Novo, correspondem a uma nova orientação na administração local que é preciso expurgar de todos os defeitos da política de antanho.

—Muito bem! Muito bem! Também julgo essa a boa doutrina.

Lá fora o Sol era calcinante e nem uma leve aragem perpassava por entre a folhagem dos plântanos que se divisavam por entre a janela.

O movimento de pessoal estranho à secretaria era diminuto Ouvia-se distintamente o som seco e agudo da máquina de escrever.

Quebrando o silêncio que pesava no gabinete, perguntámos:—Como pensa resolver o problema da electrificação da sede do Concelho?

—O fornecimento de energia eléctrica actual é exiguo, direi mesmo incompleto e insuficiente. Mas não pode, mau grado nosso, ser resolvido de momento. No prazo de dois anos pensamos estar resolvido a contento de todos. A' indústria tem que ser fornecida a necessária energia eléctrica, sem o que não passamos da "cepa-torta".

Até lá... —Não acha justo que se pensasse já na electrificação das freguesias?

—Logo que esteja assegurado o fornecimento de energia eléctrica à sede do concelho, naturalmente, vai ser estudado o problema com as Juntas de Freguesia com o devido cuidado.

Compreende. E' preciso dar tempo ao tempo. O ritmo de progresso que anima o concelho é tam acelerado que eu receio perder o equilibrio e... precipitar-me.

—Em matéria de Instrução poder-me-á dizer o que tem feito no decurso da sua gerência?

—Apesar dos nossos porfiados esforços ainda não conseguimos fazer tudo o que pretendemos.

Incluídos no «plano dos centenários» conseguiu a Câmara levar a efeito a construção de dois edificios de uma sala: uma no Mosteiro e outra na Lameira.

Sendo estas povoações das mais populosas do concelho, justo era, pois, dar satisfação a uma das mais justas e legítimas aspirações.

Forneceram-se algumas Escolas com material didático e alguma mobília e promoveu-se a reparação de algumas Escolas, etc..

Falta-me dizer que no Plano adicional dos Centenários foi incluído a construção dum edificio com 2 salas para a Escola masculina de Vila Facaia. Aguardamos o concurso para a sua adjudicação, pois, de facto, o edificio escolar masculino ali existente é antiquado, sem as imprescindíveis condições higiénicas e pedagógicas.

—Disse-me há pouco que houve sempre uma íntima colaboração com as Juntas de Freguesia, e isso francamente é interessante e comprova mais uma vez o ditado: "a união faz a força".

—O que me diz sobre a acção da Junta de Freguesia de Vila Facaia?

Admirável! Simplesmente admirável!

A' sua frente tem estado desde 1935 o nosso amigo sr. prof. António Lopes da Costa, tendo actualmente como vogais os srs. J. L. Barreto e Manuel N. de Carvalho.

A sua acção tem sido não só muito acertada, como oportuna, e nós não podemos deixar de registar o nosso apreço e admiração pela sua obra dum relevo inconfundível, pois se tem evidenciado na consecussão de melhoramentos de vulto, que estão à vista.

—Acha que a dentro das suas atribuições tem realizado uma obra construtiva?

—Como disse já a sua acção de relevo manifesta-se em todos os sectores da vida social da freguesia, dumha forma destacante, o que comprova que a continuidade administrativa é sempre de mais seguro êxito.

—Está pronta a Câmara a auxiliá-la nos seus anseios, que são os da freguesia que lhe compete administrar?

—Sim. Dentro das nossas possibilidades materiais estamos prontos a concorrer para melhorar as condições de vida da freguesia.

—Sabe que Vila Facaia pretende ser servida por uma carreira regular de camionetas, pois, sendo, já um centro populacional muito razoável e um meio comercial e agrícola de relativa importância, bem carece de tal melhoramento. Já foi pedido à Câmara o seu concurso, neste sentido?

—Já e a Câmara informou, como lhe competia, às entidades competentes, da necessidade da criação da carreira.

—Também gostaria que me dis-

Automóvel novo de Aluguer DE Pedroso & C.ª L.ª da

A cargo de Augusto Caetano TELEFONE N.º 6 Figueiró dos Vinhos

Automóvel de Aluguer



A cargo de: Acúrcio Fernandes FIGUEIRÓ DOS VINHOS

sesse alguma coisa sobre a acção da Junta de Freguesia da Graça?

—Nela preside últimamente o sr. António H. Oliveira David tendo como vogais os srs. António Mendes dos Santos e M. Paulo, os quais têm sido incansáveis na efectivação de determinados melhoramentos para aquela freguesia.

Agora trabalham activamente na construção da E. M. que segue do Pinheiro à Graça e que deve prosseguir até à Ponte da Bairrada.

E' uma obra de vulto, que fica a marcar na freguesia.

E como pensa a Câmara, em auxiliá-la?

—Dentro do âmbito orçamental da Câmara, poderá contar com o nosso franco apoio, conforme dissemos já em referência a Junta de Freguesia de Vila Facaia.

Qual a aspiração máxima daquela Freguesia?

—A construção da E. M. do Pinheiro à Ponte da Bairrada, passando pela Atalaia e a do Pinheiro ao Nodeirinho ligando a Vila Facaia.

O Subsídio que a Câmara atribui às Juntas de Freguesia actualmente não será insufficientemente para ocorrer às suas despesas obrigatórias?

—Sim também reconheço que é insufficiente, mas nem sempre é só o subídio que se lhes concede, pois para as obras compartilhadas pelo Governo a Câmara tem contribuído com a importância dispendida excedente à participação, que às vezes atinge alguns contos.

Mas, como sabe, a Câmara vê-se assediada com inúmeras petições, aliás justas algumas, e nem sempre pode resolver a contento de todos e com a urgência precisa os anseios dos seus munícipes.

Por isso procura paulatinamente dar corporização a todas as pretensões justas, dando sempre a prioridade às de maior premência.

—Queríamos fazer-lhe mais umas perguntas, principalmente sobre o problema da Assistência no concelho, funcionamento da Misericórdia, etc, mas fica para outra vez se mo permitir.

—Porque não. Regosijo-me por ter oportunidade de ventilar certos assuntos que interessam grandemente ao concelho.

Eram horas de almoço. Era tempo de dar por terminada esta entrevista.

Despedimo-nos, pois, do sr. dr. Farinha com um muito obrigado e com a solene promessa de novo encontro.

Descemos a escadaria e eis-nos na Daveza que nós in mente antevimos transformada,—onde uma aura suave amenizava a temperatura cálida.

Vila Facaia. Notano

COLÉGIO DE NUN'ALVARES TOMAR

Educação de Meninas na sua Secção Feminina
R. Marquês de Pombal, n.º 47
Internato Semi-Internato Externato
Instrução Primária-Admissão ao Liceu-Curso Geral dos Licen
Instalações óptimas com esplêndidas camaratas e recreios
Ambiente familiar
Sólida preparação Moral e Intelectual
Não resolva sobre a educação de suas filhas sem conhecer directamente o nosso Colégio

Companhia de Seguros COMERCIO E INDUSTRIA

Sede em Lisboa — R. dos Sapateiros, 32
Capital e Fundos de Reserva — 47 mil contos
Sinistros pagos — 122 mil contos
Seguros em todos os Ramos
Agente em — Figueiró dos Vinhos
JOÃO GODINHO ROCHA

O LAR FAMILIAR

Fundada em 18 de Maio de 1944

Sede Própria—Rua de Santa Catarina, 84—Porto—Tel. 28003 Agência em Lisboa—Rua Eugénio dos Santos, 9-2.—Tel. 30302

Cooperativa destinada a Construção e Aquisição de Casas Económicas para os seus Associados, no valor de 20 a 160 contos, mediante cotizações mensais de 33 a 270 escudos, em pagamento de juros

Máximas e Conselhos de «O Lar Familiar»

- 1.º — Ao inscrever-te como sócio de O Lar Familiar, não receies faz-lo num número elevado porque, no movimento sempre crescente de novos associados, é sempre baixo o número de hoje em relação ao de amanhã.
 - 2.º — Com o dinheiro que pagas ao teu senhorio poderás adquirir uma casa económica cheia de sol e luz e que seja acima de tudo, TUA. Inscreve-te já em O Lar Familiar que realizarás o teu sonho.
 - 3.º — Se és na verdade inteligente e ponderado, inscreve-te já sócio de O Lar Familiar. Prepara-te quando podes para teres quando precisares.
 - 4.º — Na grandiosa obra que O Lar Familiar em tão pouco tempo realizou nada mais inspirou os seus dirigentes que o desejo de dar uma casa a cada Português.
 - 5.º — Quantas lágrimas e sacrifícios te custa o aluguer que, todos os meses, talvez roubando o sustento dos teus, vais levar ao senhorio? Todavia no fim de 20 anos nada te resta dessa penosa peregrinação.
- O Lar Familiar, suaviza-te aquele sacrifício, dando-te uma casa sem juros, cuja amortização é sempre inferior à renda que ao senhorio pagarias por uma casa igual.
- Para esclarecimentos neste Concelho, queiram dirigir-se ao nosso Agente ex.º sr. Artur dos Santos Mateus — Figueiró dos Vinhos

A. L. FERREIRA LISBOA

Agente dos Rádios

«Acordéon», «Fada», «Howard» Fairbanks-Morse

Reparações por pessoal especializado

Para qualquer destas modalidades nesta região dirija-se ao seu empregado ADELINO DE ALMEIDA Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte

Médico Municipal Subdelegado de Saúde

Figueiró dos Vinhos

Quirino Sampaio

Médico especialista

Doenças da boca e dentes,

Prótese dentária

Consultas às sextas feiras das 10 às 15 horas na Praça José Malhóa

Figueiró dos Vinhos

TONEL

Em madeira de castanho, vende-se de 360 almudes, Nesta recção se diz.

Automóvel

Com direito à praça. Vende-se nesta vila. Preço muito módico.

Trata o advogado Teixeira Forte.

Viajante

Oferece-se para lanifícios c/ carta ligeiros, para regiões de Trás os-Montes; Beiras e linhas Oeste. Bem relacionado.

Dão se e exigem-se referências. Carta a este jornal.

